**NEM SEMPRE FOI DITO QUE O PRETO NÃO TEM VEZ: EMANCIPAÇÃO NEGRA EM DEBATE.**

**Lucas Rodrigues do Carmo**

Universidade Federal de Jataí

E-mail: lucasrodrigues211@hotmail.com

**Francielly Pereira Menezes**

Universidade Federal de Jataí

E-mail: fp-menezes@hotmail.com

A proposta deste texto é a de socializar a experiência de intervenção de Estágio Supervisionado nos 1º e 2º anos do programa de Educação de Jovens e Adultos – EJA do Colégio Estadual Serafim. O referido colégio situa-se na Rua Leopoldo de Bulhões S/N, Setor Central, possui uma boa localização, com farmácia, supermercado, comércio de lanches e uma praça com uma igreja católica tradicional na cidade, Catedral. O perfil dos alunos da instituição, fazendo uma rápida análise, é um perfil de trabalhadores e trabalhadoras com idade acima de 18 anos, tendo uma predominância de homens. Em relação à cor de pele dos alunos/as notasse uma maioria de negros e negras.

A atividade foi desenvolvida no âmbito da disciplina Estágio Supervisionado III, sob orientação do Professor Ms. Robson Pereira da Silva. Muitas são as justificativas para a realização desta intervenção, destacamos inicialmente o desenvolvimento do material paradidático intitulado *“Negros no Brasil: Resistência, Cultura e Religiosidade”*, de autoria de Lucas Rodrigues do Carmo, Francielly Pereira Menezes e Aline Isadora Alves da Silva, no semestre 2017/2 durante a disciplina de Estágio Supervisionado II.

 O objetivo do material paradidático foi o de instrumentalizar professores/as da educação básica para que estes teçam uma abordagem que ressalte o protagonismo dos/as negros/as nas lutas pela emancipação, pela garantia de direitos enquanto sujeitos livres e cidadãos, pelo ensino da história e cultura afro-brasileira, assegurado pela Lei 10639/2003, que é fruto de muitas reivindicações do *Movimento Negro Unificado* brasileiro. O paradidático nos deu base para construirmos a intervenção, tendo em vista que a temática abordada havia sido estudada em disciplinas da graduação e pontualmente na construção do paradidático.

Outra justificativa, que identificamos como norteadora da intervenção, surgiu a partir de um comentário feito por um aluno em sala de aula, durante observação realizada no dia 16 de abril de 2018, no 1º ano PROFEN do Colégio Estadual Serafim de Carvalho. O professor de filosofia estava enumerando a ementa do bimestre no quadro, quando o aluno disse: “filosofia é Racionais”, tal afirmação gerou em nós muitas inquietações, pelo contexto da fala, por tudo o que o grupo Racionais representa para o rap brasileiro e pela postura do grupo.

Tendo em vista que o eixo norteador das intervenções no Estágio Supervisionado III deveria estabelecer um diálogo com o material paradidático produzido no Estágio Supervisionado II, em nosso caso as relações étnico-raciais, e devido ao fato de tal grupo lembrado pelo aluno ser um grande expoente de resistência da população marginalizada do país, que é formada majoritariamente por negros, desenvolvemos a intervenção.

Levamos em consideração ainda a necessidade de desenvolver atividades que faça uso de diferentes formas de linguagem, pontualmente a música em sala de aula, aliado ao desejo de inclusão do repertório dos alunos/as como apoio na construção do conhecimento histórico. Ensinar a disciplina de História tendo como base essas perspectivas é um desafio para os educadores, por todas as dificuldades no dia a dia da escola. Devido ao fato da intervenção ser considerada pelos alunos/as como uma “aula diferente”, lançamos mão da música como forma de representação histórica, tendo em vista que a disciplina de História precisa de certa forma se reinventar para cativar as/os alunas/os, pois a história pautada em datas, nomes e fatos históricos decorados deve ser repensada.

 Com os avanços tecnológicos, devemos estar atentos para novas formas de interlocução com os educandos, e a música se encaixa perfeitamente nesse cenário, devido ao fácil acesso a plataformas digitais e por toda poesia musical. Nesse sentido, destacamos o caráter artístico atribuído às aulas quando trabalhamos com música, telas, pinturas, filmes. Essas diferentes formas de linguagem quando bem trabalhadas pelos professores de todas as áreas, podem despertar nos educandos o interesse pelo conteúdo, para além do que está nos livros didáticos ou nos textos passados na lousa.

 Por último, mas não menos importante, construímos a intervenção buscando viabilizar a aplicabilidade da Lei 10639/2003 que torna obrigatório o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira, muitas vezes restrita apenas para a ‘semana da consciência negra’. Tal lei é reconhecida por nós como uma conquista, fruto de lutas e resistências do *Movimento Negro Unificado*, que historicamente pauta a necessidade da valorização da história do povo negro, tendo como princípio o protagonismo desse povo marginalizado e silenciado pela historiografia e pela educação e seus processos sociais, intentando ainda, construir uma identidade negra positiva nos alunos/as negros/as e promover o combate ao racismo no ambiente escolar brasileiro.

Entendemos que a identidade negra também é construída no contexto escolar e por isso ressaltamos a responsabilidade de todo o corpo escolar com as temáticas afro-brasileiras e com todo o trato com os alunos/as negros/as.

Sendo entendida como um processo contínuo, construído pelos negros e negras nos vários espaços − institucionais ou não − nos quais circulam, podemos concluir que a identidade negra também é construída durante a trajetória escolar desses sujeitos e, nesse caso, a escola tem a responsabilidade social e educativa de compreendê-la na sua complexidade, respeitá-la, assim como às outras identidades construídas pelos sujeitos que atuam no processo educativo escolar, e lidar positivamente com a mesma (GOMES, 2005, p 44).

A intervenção intitulada “*Nem sempre foi dito que o preto não tem vez: emancipação negra em debate”* buscou analisar o pós-abolição como um processo de marginalização da população negra do Brasil, e compreender como os alunos se inserem nesse processo e se veem como agentes históricos.

A narrativa construída no período das disputas em torno da abolição e legitimada por algum tempo pela historiografia brasileira, atribuiu a Princesa Isabel um papel de redentora dos escravizados, uma figura feminina que primava pela liberdade de todos. Tal perspectiva deve ser questionada, tendo em vista as ações políticas evidenciadas em pesquisas no contexto da emancipação da população negra realizadas por sujeitos negros/as livres, libertos/as ou escravizados/as (COWLING, 2012, p. 217).

Portanto, é sabido que no dia 13 de maio de 1888 foi sancionada a Lei Áurea, que abolia a escravidão negra no Brasil, tornando assim todo negro cativo um sujeito livre. Entretanto, tal lei não assegurava condições mínimas de sobrevivência para a população liberta, não existindo um plano de governo que inserisse o/a negro/a no mercado de trabalho assalariado, com direito a moradia e educação. Sem o devido planejamento a população negra foi marginalizada e impossibilitada de ascender socialmente, salvo exceções, sendo ainda inserida em um plano de embranquecimento da população brasileira, pelos favorecimentos à imigração da população branca europeia.

Tendo em vista que no mês de maio é memorada a data da abolição, construímos a proposta de intervenção, que foi realizada na data de 14 de maio de 2018, visando promover uma análise entre os alunos em relação ao fato histórico e seus desdobramentos, e como o não planejamento da inserção do negro na sociedade brasileira, constrói de alguma maneira o atual cenário da nossa população. Levamos em consideração, também, o fato de o público alvo ser estudantes considerados pelo sistema educacional como “não regulares”, sendo a maioria trabalhadores/as e moradores/as da periferia, local construído a partir da marginalização dos negros e pobres.

Traçamos três objetivos específicos para a intervenção: identificar qual a percepção dos alunos em relação ao processo de abolição e pós-abolição, compreendendo sua continuidade na atual sociedade; examinar o rap Negro Drama, identificando elementos presentes na música que representam as dificuldades do povo negro, historicamente marginalizado e problematizar o racismo brasileiro, buscando desconstruir o mito da democracia racial.

Destacamos ainda a necessidade de aproximação dos conteúdos históricos com a realidade dos nossos alunos, pois muitas vezes a história perde o seu sentido se não problematizamos e inserimos os educandos nos debates como sujeitos históricos, construtores da história. Assim sendo, pensando os alunos/as pobres e pretos/as, construímos uma intervenção que concedeu destaque a participação efetiva dos/as negros/as no processo de emancipação, dando o devido protagonismo para essa parcela da população historicamente silenciada pela historiografia.

Construir uma identidade negra positiva em uma sociedade que, historicamente, ensina aos negros, desde muito cedo, que para ser aceito é preciso negar-se a si mesmo é um desafio enfrentado pelos negros e pelas negras brasileiros (as). Será que, na escola, estamos atentos a essa questão? Será que incorporamos essa realidade de maneira séria e responsável, quando discutimos, nos processos de formação de professores (as), sobre a importância da diversidade cultural? (GOMES, 2013, p. 43).

Utilizamos ainda elementos artísticos e culturais de sujeitos pobres e negros, no caso o rap *Negro Drama* (2002) do grupo Racionais Mc’s, presente no disco *Nada como um dia após o outro* (2002), como forma de valorização da arte de periferia, muitas vezes questionada por ser feita por pretos/as e pobres e não nos salões de arte.

O rap caracteriza-se pela reinvenção do cotidiano através da oralidade de pessoas comuns que denunciam em suas canções problemas graves vivenciados nas situações sociais extremamente adversas e totalmente negligenciadas pelos Donos do Poder. Os rappers narram com as suas próprias vozes e olhares o cotidiano das cidades contemporâneas transfigurando-se em instigantes cronistas e críticos da modernidade. Retratam a periferia [...] num momento de intensa globalização e da formação de uma sociedade marcadamente massificada. As estórias de vida dos autores do rap afloram, com nitidez, em suas letras: miséria, desemprego, violência social, policial e sexual, o mundo das drogas (CONTIER, 2005)

 O rap *Negro Drama (2002)* carrega em seus versos representações do processo histórico de escravidão, abolição e pós-abolição e por isso optamos pela reprodução integral da música e uma análise dessas representações. Destacamos que os estudos sobre o processo de emancipação da população negra dizem respeito tanto às abordagens do período de escravidão e luta pela liberdade, até os recortes temporais do pós-abolição (GOMES; MACHADO, 2015, p.22). Por esse motivo, entendemos que durante todo esse processo surge a marginalização da população negra, dando origem as favelas no Brasil, e por isso se justifica o uso do rap, tendo em vista suas representações.

 Abaixo disponibilizamos a letra e grifamos os versos que fazem alusão ao processo de emancipação da população negra e seus desdobramentos na atual sociedade:

Negro drama
Entre o sucesso e a lama
Dinheiro, problemas
Inveja, luxo, fama

*Negro drama
Cabelo crespo
E a pele escura
A ferida, a chaga
À procura da cura*

Negro drama
Tenta ver
E não vê nada
A não ser uma estrela
Longe, meio ofuscada

Sente o drama
O preço, a cobrança
No amor, no ódio
A insana vingança

*Negro drama
Eu sei quem trama
E quem tá comigo
O trauma que eu carrego
Pra não ser mais um preto fodido*

*O drama da cadeia e favela
Túmulo, sangue
Sirene, choros e vela*

Passageiro do Brasil
São Paulo
Agonia que sobrevivem
Em meia às honras e covardias

*Periferias, vielas e cortiços
Você deve tá pensando
O que você tem a ver com isso*

*Desde o início
Por ouro e prata
Olha quem morre
Então veja você quem mata*

*Recebe o mérito, a farda
Que pratica o mal
Me ver
Pobre, preso ou morto
Já é cultural*

*Histórias, registros
Escritos
Não é conto
Nem fábula
Lenda ou mito*

*Não foi sempre dito
Que preto não tem vez
Então olha o castelo irmão
Foi você quem fez cuzão*

Eu sou irmão
Dos meus trutas de batalha
Eu era a carne
Agora sou a própria navalha

Tin, tin
Um brinde pra mim
Sou exemplo de vitórias
Trajetos e glórias, glorias

*O dinheiro tira um homem da miséria
Mas não pode arrancar
De dentro dele
A favela*

São poucos
Que entram em campo pra vencer
A alma guarda
O que a mente tenta esquecer

Olho pra trás

Vejo a estrada que eu trilhei
Mó cota
Quem teve lado a lado
E quem só fico na bota

Entre as frases
Fases e várias etapas
Do quem é quem
Dos mano e das mina fraca

Negro drama de estilo
Pra ser
E se for
Tem que ser
Se temer é milho

Entre o gatilho e a tempestade
Sempre a provar
Que sou homem e não um covarde

Que Deus me guarde
Pois eu sei
Que ele não é neutro
Vigia os rico
Mas ama os que vem do gueto

*Eu visto preto
Por dentro e por fora
Guerreiro
Poeta entre o tempo e a memória*

Ora
Nessa história
Vejo o dólar
E vários quilates
Falo pro mano
Que não morra e também não mate

O tic-tac
Não espera veja o ponteiro
Essa estrada é venenosa
E cheia de morteiro

Pesadelo
É um elogio
Pra quem vive na guerra
A paz nunca existiu

*Num clima quente
A minha gente sua frio
Vi um pretinho
Seu caderno era um fuzil
Um fuzil*

Negro drama

Crime, futebol, música, caraio
Eu também não consegui fugir disso aí
Eu só mais um
Forrest Gump é mato
Eu prefiro conta uma história real
Vô conta a minha

*Daria um filme
Uma negra
E uma criança nos braços
Solitária na floresta
De concreto e aço*

Veja
Olha outra vez
O rosto na multidão
A multidão é um monstro
Sem rosto e coração

Ei, São Paulo
Terra de arranha-céu
A garoa rasga a carne
É a Torre de Babel

*Família brasileira
Dois contra o mundo
Mãe solteira
De um promissor
Vagabundo*

*Luz, câmera e ação
Gravando a cena vai
Um bastardo**Mais um filho pardo
Sem pai*

*Ei, Senhor de engenho
Eu sei bem quem você é
Sozinho, cê num guenta sozinho
Cê num entra a pé*

*Cê disse que era bom
E a favela te ouviu
Lá também tem
Whisky, Red Bull
Tênis Nike e fuzil*

Admito
Seus carro é bonito
É, eu não sei fazê
Internet, videocassete
Os carro loco

Atrasado
Eu tô um pouco sim
Tô, eu acho
Só que tem que

Seu jogo é sujo
E eu não me encaixo
Eu sô problema de montão
De carnaval a carnaval
Eu vim da selva
Sou leão
Sou demais pro seu quintal

Problema com escola
Eu tenho mil, mil fitas
Inacreditável, mas seu filho me imita
No meio de vocês
Ele é o mais esperto
Ginga e fala gíria
Gíria não, dialeto

Esse não é mais seu
Ó, subiu
Entrei pelo seu rádio
Tomei, cê nem viu
Nós é isso ou aquilo

O quê?
Cê não dizia?
Seu filho quer ser preto
Rááá
Que ironia

Cola o pôster do 2Pac aí
Que tal?
Que cê diz?
Sente o negro drama
Vai
Tenta ser feliz

Ei bacana
Quem te fez tão bom assim?
O que cê deu
O que cê faz,
O que cê fez por mim?

*Eu recebi seu tic
Quer dizer kit
De esgoto a céu aberto
E parede madeirite*

*De vergonha eu não morri
To firmão
Eis-me aqui*

Você, não
Cê não passa
Quando o mar vermelho abrir

Eu sou o mano
Homem duro
Do gueto, Brown
Obá

Aquele louco que não pode errar
Aquele que você odeia
Amar nesse instante
Pele parda
Ouço funk
E de onde vem
Os diamantes
Da lama

Valeu mãe

Negro drama
Drama, drama, drama

*Aê, na época dos barracos de pau lá na Pedreira, onde vocês tavam?
O que vocês deram por mim?
O que vocês fizeram por mim?
Agora tá de olho no dinheiro que eu ganho
Agora tá de olho no carro que eu dirijo
Demorou, eu quero é mais
Eu quero até sua alma
Aí, o rap fez eu ser o que sou*

Ice Blue, Edy Rock e KL Jay e toda a família
E toda geração que faz o rap
A geração que revolucionou
A geração que vai revolucionar
Anos 90, século 21
É desse jeito

*Aê, você sai do gueto, mas o gueto nunca sai de você, morou irmão?
Você tá dirigindo um carro
O mundo todo tá de olho em você, morou?
Sabe por quê?
Pela sua origem, morou irmão?
É desse jeito que você vive
É o negro drama
Eu não li, eu não assisti
Eu vivo o negro drama, eu sou o negro drama
Eu sou o fruto do negro drama
Aí dona Ana, sem palavras, a senhora é uma rainha, rainha*

Mas aê, se tiver que voltar pra favela
Eu vou voltar de cabeça erguida
Porque assim é que é
Renascendo das cinzas
Firme e forte, guerreiro de fé

Vagabundo nato!

Devido o tempo de 50 minutos de cada aula, fizemos a seleção de alguns trechos do rap para que a temática fosse trabalhada. As representações perpassam o processo de emancipação, quando, por exemplo, os rappers utilizam o termo senhor de engenho, mesclando o passado escravista com os privilégios da elite brasileira e como tais regalias chegam a favela: “*Ei, Senhor de engenho/ Eu sei bem quem você é/ Sozinho, cê num guenta sozinho/ Cê num entra a pé/ Cê disse que era bom/ E a favela te ouviu/ Lá também tem/ Whisky, Red Bull/ Tênis Nike e fuzil”* (*Negro Drama*, 2002).

As principais representações presentes no rap em questão, dizem respeito ao desenrolar do processo emancipacionista, ao destacar a desigualdade social existente no Brasil e também a violência policial contra os pobres e pretos e o projeto de genocídio da juventude negra: *Recebe o mérito, a farda/ Que pratica o mal Me ver/ Pobre, preso ou morto/Já é cultural* (*Negro Drama*, 2002).

 Destacamos ainda os versos que retratam a real composição da família brasileira, buscando desconstruir as narrativas que tentam impor uma família tradicional brasileira, composta por pai, mãe e filhos. Ao abordar a realidade vivida na favela, os rappers no seguinte trecho, apontam como de fato se estrutura as famílias pretas e pobres no Brasil: *Família brasileira/ Dois contra o mundo/ Mãe solteira/ De um promissor vagabundo/ Luz, câmera e ação/ Gravando a cena vai/ Um bastardo/Mais um filho pardo/ Sem pai* (*Negro Drama*, 2002).

Por fim, levantamos a discussão sobre o mito da democracia racial, desconstruindo essa ideia e apontando como o racismo brasileiro é estrutural e deve ser combatido. Para fomentar a discussão fizemos uso do seguinte trecho: *Aê, você sai do gueto, mas o gueto nunca sai de você, morou irmão?/ Você tá dirigindo um carro/ O mundo todo tá de olho em você, morou?/ Sabe por quê?/ Pela sua origem, morou irmão?* (*Negro Drama*, 2002).

Abaixo, disponibilizamos na tabela 1 o cronograma de preparação da atividade de intervenção:

Tabela 01

|  |
| --- |
| **CRONOGRAMA DE PREPARAÇÃO DA INTERVENÇÃO** |
| ATIVIDADES REALIZADAS: | PERÍODO: |
| 1- Apresentação da proposta de intervenção no Colégio Estadual Serafim de Carvalho. | 23 de abril de 2018 |
| 2- Preparação da Intervenção: leitura de textos sobre o processo de emancipação do negro no Brasil; Análise da letra do rap; preparação da aula. | 25/04/2018 a 07/05/2018 |
| 3- Data de realização da Intervenção. | 14/05/2018 |
| 4- Apresentação do material paradidático desenvolvido no Estágio Supervisionado II e seus desdobramentos no Estágio Supervisionado III, no Espaço das Profissões 2018 UFJ. | 23/05/2018 |
| 5- Análise dos resultados da Intervenção. | 10/06/2018 |
| 6- Defesa do projeto e apresentação dos resultados. | 04/07/2018 |

FONTE: Os autores.

Apesar de existir uma disponibilidade de tempo maior para a realização da intervenção na disciplina de Estágio, optamos por realiza-la o mais próximo possível da data em que memoramos a assinatura da Lei Áurea, 13 de maio de 1888. Tivemos uma boa receptividade no Colégio Estadual Serafim de Carvalho para o desenvolvimento proposta de intervenção, e no dia da realização da mesma, nos foi proposto a realização da intervenção em duas salas: 1º e 2° anos da Educação de Jovens e Adultos. Por fim, construímos uma subseção para relatarmos a experiência enquanto professorandos e todas as expectativas em relação à intervenção.

**RELATO DE EXPERIÊNCIA**

Sobre nossa experiência da intervenção em sala de aula, o que se faz importante é ressaltar primeiramente, a nossa ansiedade por se tratar da primeira experiência conduzindo uma aula. Na qual a ministramos em duas salas de aula, com alunos do 1º e 2° anos do programa EJA, se tratando de alunos/as adultas acima da faixa etária convencional no ensino médio. Como citado anteriormente, foi a fala de um aluno sobre filosofia e Racionais que nos motivou a construir a intervenção a partir do rap *Negro Drama*, Racionais, 2002, para levar os alunos/as a refletir e compreender o processo de abolição e pós- abolição da escravidão no Brasil, e assim problematizar o racismo brasileiro, buscando desconstruir o mito da democracia racial.

Ao utilizarmos a letra do rap, criamos expectativas em relação à recepção dos alunos pelo gênero musical. Nas duas turmas que aplicamos a intervenção, grande parte dos alunos/as já conheciam a música e alguns sabiam cantar. Distribuímos a letra para cada aluno/a presente, e a música foi reproduzida de forma integral, dando o devido prestígio para a produção. Ao final da música iniciamos o debate a cera da emancipação negra no Brasil e como o rap carregava representações desse processo.

Quando levantamos a polêmica em torno da temática da marginalização da população negra no Brasil, na primeira turma (1º EJA), dois alunos negros lançaram uma problematização sobre o negro sempre ser “colocado” como vítima na história, que nossa aula estava em consonância com essa perspectiva e que isso devia ser superado no Brasil, apontaram que no período escravista negros escravizaram negros e não somente o branco possuía escravizados. Eles também apresentaram suas opiniões sobre a política de ações afirmativas, demostrando que são totalmente contra as cotas raciais, e que elas são mais um meio de vitimizar ou diminuir os negros no Brasil.

Nós fizemos a contra argumentação problematizando o imaginário social no período do escravismo no Brasil, abordando as questões de hierarquia e mobilidade social do período. Em relação as políticas de ações afirmativas construímos um debate com toda a sala abordando a luta dos movimentos negros brasileiros, sobretudo o *Movimento Negro Unificado*, e como essa pauta sempre foi defendida por eles, e que só por meio de muita luta conseguimos esse direito.

Essas argumentações vinda dos alunos nos fez refletir sobre o discurso que chega até eles e quais são as fontes que embasam suas opiniões e convicções sobre assuntos tão relevantes. Outro ponto que nos inquietou é o fato de esses alunos serem negros e não acreditarem no racismo brasileiro e na necessidade da criação de políticas de ações afirmativas no Brasil. Isso se torna compreensível quando pensamos que a Lei 10639/2003 é recente e que as produções sobre a temática ainda estão no campo acadêmico e pouco se é trabalhado na educação básica. Nos fez pensar também, sobre a importância de ultrapassarmos os muros da universidade e dialogar com esses alunos sobre temas tão importantes, que colaboram na formação de seus papeis enquanto cidadãos negros.

Na outra turma (2º EJA), ao falarmos sobre o racismo, as políticas de cotas e sobre o mito da democracia racial, tivemos uma feliz abordagem por parte dos alunos. Estes demonstraram interesse pelo tema e se posicionaram em consonância com nossa temática e abordagem apresentada. Algumas alunas exemplificaram casos de racismo que passaram pelo fato de serem negras e se posicionaram, dizendo não se importarem muito, pois já estão acostumadas a presenciarem ou passarem por racismo sempre.

Intervimos abordando os males do racismo na formação psicossocial dos/as sujeitos negros/as, ressaltando que as práticas racistas devem ser denunciadas e combatidas. Apresentamos o *Coletivo Negro e Indígena de Jataí – AFRONTAÍ,* ressaltando o caráter acolhedor do coletivo e como a participação nos movimentos sociais nos fortalece e nos instrumentaliza para combater as opressões.

Concluímos que a intervenção nos trouxe uma experiência ímpar, pois nos levou a refletir sobre o distanciamento existente entre os diálogos que realizamos na universidade e como as pautas dos movimentos sociais tem chegado à comunidade. Destacamos ainda o nosso papel como professores/as de História, e o dever de promovermos os debates sobre racismo, machismo, LGBTFOBIA, etc. além de problematizar aspectos socioeconômicos e culturais do nosso país, buscando construir um senso crítico nos/as alunos/as.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BRASIL. *LEI Nº 10.639***,** DE 9 DE JANEIRO DE 2003. Estabelece a inclusão no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”.

CONTIER, Arnaldo Daraya. *O rap brasileiro e os Racionais MC’s*. An. 1 Simp. Internacional do Adolescente May. 2005. Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000082005000100010&script=sci\_arttext&tlng=pt#nt07>. Acesso em: 20 jun. de 2018.

COWLING, Camillia. O Fundo de Emancipação “Livro de Ouro” e as mulheres escravizadas: gênero, abolição e os significados da liberdade na Corte, anos 1880. In: FARIAS, Juliana Barreto; XAVIER, Giovana; GOMES, Flávio. *Mulheres Negras no Brasil Escravista e do Pós-Emancipação*, São Paulo, Selo Negro, 2012, p. 214-228.

GOMES, Flávio; MACHADO, Maria Helena P. T. Da abolição ao pós-emancipação: ensaiando alguns caminhos para outros percursos. In: CASTILHO, Celso Thomas; MACHADO, Maria Helena P. T. (orgs) *Tornando-se Livre*: Agentes Históricos e Lutas Sociais no Processo de Abolição. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: *Educação anti-racista*: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03 / Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

MORAES, José Geraldo Vinci de. *História e música*: canção popular e conhecimento histórico. Rev. bras. Hist. São Paulo, vol.20 n.39, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\_arttext&pid=S0102-01882000000100009>. Acesso em: 15 jun. de 2018.

ZENI, Bruno. *O negro drama do rap*: entre a lei do cão e a lei da selva. Estud. av. São Paulo, vol.18 n.50. jan./abr. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\_arttext&pid=S0103-40142004000100020>. Acesso em: 20 jun. de 2018.